

Catulo da Paixão Cearense (1866 - 1946)

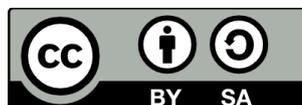
A fonte do cemitério

Canção

Dedicatória: Ao jornalista conterrâneo Nascimento Moraes.

voz, piano
(voice, piano)

5 p.



MUSICA BRASILIS



Parece até que a
alma da lua
é que descanta,
escondida
na garganta
dêsse galo,
a soluçar !

GRÊMIO CULTURAL CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Presidente de Honra: EMBAIXADOR ASSIS CHATEAUBRIAND

Comissão Diretora: Carlos Maul, Guimarães Martins e Othon Costa

Sede própria: rua Maestro Francisco Braga n.º 380 - Gr. 204 - (Copacabana)
telefone 37.6542 - Rio de Janeiro - Estado da Guanabara - ZC-07
Estados Unidos do Brasil

CUIDADO. Film para impressão em off-set. Evitar contacto com a mão.

A FONTE DO CEMITÉRIO

Canção

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Piano-canto ou piano-solo.



Parece até que a
alma da lua
é que descanta,
escondida
na garganta
dêsse galo,
a soluçar!

GRÊMIO CULTURAL CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

Presidente de Honra: EMBAIXADOR ASSIS CHATEAUBRIAND

Comissão Diretora: Carlos Maul, Guimarães Martins e Othon Costa

Sede própria: rua Maestro Francisco Braga n.º 380 - Gr. 204 - (Copacabana)
telefone 37.0542 - Rio de Janeiro - Estado da Guanabara - ZC-07
Estados Unidos do Brasil

A FONTE DO CEMITÉRIO

canção

Ao jornalista contrerrâneo Nascimento Moraes.

Num cemitério abandonado e pobre,
sem uma lousa, sem uma inscrição,
onde o hervaçal a sepultura cobre
do que repousa lá no terreço chão,
entrei. E o mesto ciprestal erguido
rezava as preces, que só Deus traduz!
O morto, o extinto nesse eterne olvido,
só tinha a sombra fraternal da cruz.
Na sepultura dêsses sonhadores,
que não se cansam de sonhar, dormir,
nem o consólo das agrestes flôres
lhes vinha o sono glacial florir!

De um monte estéril, sôbre negros fossos,
um fio d'água vinha a deslizar,
e se infiltrando pelos brancos ossos,
fluiu doce, como a luz do luar!
Em seu fluente e lacrimal diamante
busquei matar de minha sêde o arder,
que era tão puro e tão insinuante
do seu cristal o sonolento alvor.

Mas, quando a boca debrucei às águas,
para que a sêde mitigasse ali,
veiu-me aos lábios um sabor de máguas...
gôsto de morte em seu licor senti!
Lembrou-me a fonte lá do cemiterio,
onde uma tarde a meditar entrei,
o beijo amargo de sabor funereo
que em tua boca funeral eu dei.

(Lendo Gauthier)

Ao jornalista conterrâneo Nascimento Moraes.

A FONTE DO CEMITÉRIO

CANÇÃO

CATULLO DA PAIXÃO CEARENSE

PIANO Bem moderato

mf (bem saudosos)

Nun-ce-mi-té-rio abando-na-do e
(descritivo)

po-bre, sem u-ma lou-sa, sem u-ma inscri-ção, on-de o herva-

çal a sepul-tu-ra co-bre do que re-pou-sa lá no ter-reo

chão, en-trei. E o mes-to ci-pres-tal er-gui-do re-za-va as

f

pre - ces, que só Deus tra - duz! O mor-to, o ex-tin - to nes-se e-terno ol-

vi - do, só ti-ña a som-bra fra-ter-nal da cruz. Na se-pul -

tu - ra dê-ses so - nha-do - res, que não se can - sam de so - nhar dor -

mir, nem o con - sô - lo das a-gres-tes flo - res lhes vi-nhao

so - no gla-cial flo - ri! De um monte es - - té - ril, sô - bre ne-gros

A fonte do cemitério 2

fos - sos, um fi - o dá-gua vi-nha a des - li - zar, e se in-fil -

tran - do pe-los bran-cos os - sos, flu - í - a dô-ce, co-mo a luz do luar!

Em seu flu - - en - - te e la-cri-mal dia-man - te bus-quei ma -

mf

tar de mi-nha sê - de o ar-dor, que e-ra tão pu - - ro e tão in-si-nu -

an-te do seu cris-tal o so-no-len-to al-vor. Mas, quand a

f *mf* *p*

D. C.
ao
e
Fim

rall..... pp
Fim

A fonte do cemiterio 3